



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA

RAFAEL LUAN SILVA LIMA

NATURALISMO E VERDADE NA FILOSOFIA DE QUINE

CAMPINA GRANDE|PB
2018

RAFAEL LUAN SILVA LIMA

NATURALISMO E VERDADE NA FILOSOFIA DE QUINE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura plena em Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Professor Dr. José Nilton Conserva de Arruda.

CAMPINA GRANDE|PB

2018

L732n Lima, Rafael Luan Silva.
Naturalismo e verdade na filosofia de Quine [manuscrito] : /
Rafael Luan Silva Lima, . - 2018.
28 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2018.

"Orientação : Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda ,
Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."

1. Quine. 2. Epistemologia Naturalizada. 3. Verdade.

21. ed. CDD 146

RAFAEL LUAN SILVA LIMA

NATURALISMO E VERDADE NA FILOSOFIA DE QUINE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura plena em Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

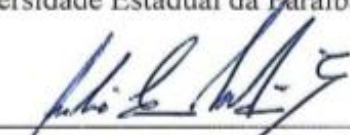
Orientador: Professor Dr. José Nilton Conserva de Arruda.

Aprovada em: 04/06/2018.

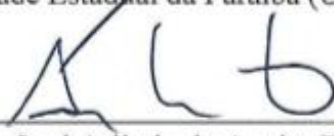
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Julio Cesar Kesting
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais João Ernandes de Lima e Luiza Marilac Silva Lima, ao meu segundo Pai Padre Rômulo Remígio Viana, aos meus irmãos João Victor, Pedro Henrique, Eloisi Rebeca, Ane Séfora e Helena Sofia e Maria Remígio (Mariquinha) – *in memoriam*, pela dedicação, companheirismo e amizade, apoio e incentivo para fazer o curso, DEDICO.

“A necessidade reside na maneira de falarmos sobre as coisas, não sobre as coisas de que falamos”. *Quine.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me concedido a grande vitória de ingressar nessa instituição e mais ainda de ter me abençoado para concluir o meu curso.

Com a finalização deste TCC, não poderia deixar de agradecer a algumas pessoas que, direta ou indiretamente, me ajudaram nesta caminhada tão importante da minha vida pessoal e profissional.

Em primeiro lugar, quero agradecer também à minha família (Pai, Mãe e Irmãos), Maria Remígio (Mariquinha – *In memoriam*) e ao Padre Rômulo que sem eles dificilmente não conseguiria chegar até aqui na conclusão de curso. Por estarem sempre lá para me amparar, para me criticar, para me congratular fazendo-me sentir uma pessoa melhor.

Em segundo lugar, agradeço a orientação do Professor Doutor José Nilton Conserva de Arruda que sempre se colaborou, durante a elaboração do presente Relatório, por se mostrar disponível a me ajudar, me acolher como um filho, e me orientar como ser um bom profissional, um bom professor, obrigado por todas as ideias e todos os conselhos, foi um privilégio ser seu orientando e seu aluno.

Aqui presto também o meu agradecimento às duas secretarias do Curso de Filosofia Kallina e Deyse por terem feito com que me sentisse em casa.

Em particular gostaria de fazer um agradecimento a uma grande amiga Aline Cordeiro por muitas vezes ter a paciência de me escutar e me orientar como eu deveria proceder em algumas ocasiões dentro da sala de aula (durante o estágio), sempre com uma grande simpatia e profissionalismo.

E não poderia deixar de agradecer aos irmãos de caminhada da minha turma de filosofia, aos meus professores (Doutores e Mestres) que tanto me ajudaram a compreender o mundo da reflexão filosófica, a vocês os meus sinceros agradecimentos.

SÚMARIO

1.INTRODUÇÃO	11
2.A NATURALIZAÇÃO DA EPISTEMOLOGIA.....	14
2.1. Tarski e a concepção semântica de Verdade.....	16
3. ASCENSÃO SEMÂNTICA E DESCITAÇÃO NA ABORDAGEM QUINEANA.....	19
3.1. Teoria do mundo, verdade e ontologia	21
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
5. REFERÊNCIAS.....	29

RESUMO

Esse TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) tem por objetivo analisar como a epistemologia naturalizada desenvolvida por Quine problematiza a questão do conhecimento e apresentar as razões pelas quais se faz a opção metodológica de realizar uma descrição de como a ciência alcança o conhecimento e não fazer uma análise conceitual dessa noção. Dialogando com o modelo padrão de conhecimento: *crença, verdadeira justificada*, analisaremos cada um das condições desse modelo e como a epistemologia quineana responde a elas. O foco será na *condição verdade* e sua relação com a evidência empírica, pois a postura empirista assumida no plano do conhecimento não é uma resposta suficiente para o problema da verdade, pois o empirismo pode ser uma consistente teoria da evidência, mas não uma suficiente teoria ou critério de verdade. A evidência empírica permite escolher crenças e a falta delas abandonar outras, porém não oferece uma base suficiente para se pronunciar a respeito da verdade das teorias, de visões de mundo concorrentes. O predicado *verdade* será assumido como fundamentalmente relacional, dessa forma, o modo como os objetos são, domínio da ontologia, e o modo como os objetos são conhecidos, domínio da epistemologia, não serão mais os fatores determinantes para operarmos com o predicado verdade, mas sim o modo como expressões linguísticas se relacionam com suas referências.

Palavras-chave: Quine; Epistemologia naturalizada; Verdade.

ABSTRACT

This study aims at analyzing how the naturalized epistemology developed by Quine problematizes the question of knowledge and presents the reasons why the methodological option is made to perform a description of how science achieves knowledge and not do a conceptual analysis of this notion. Dialoging with the standard model of knowledge: belief, true justification, we will analyze each of the conditions of this model and how Quinean epistemology responds to them. The focus will be on truth condition and its relation to empirical evidence, for the empiricist position assumed on the plane of knowledge is not a sufficient answer to the problem of truth, for empiricism may be a consistent theory of evidence but not a sufficient theory or criterion of truth. The empirical evidence allows one to choose beliefs and the lack of them to abandon others, but it does not offer a sufficient basis to pronounce on the truth of theories, of competing worldviews. The predicate truth will be assumed to be fundamentally relational, so the way objects are, domain of ontology, and the way objects are known, domain of epistemology, will no longer be the determining factors for operating with the predicate truth, but rather the way linguistic expressions relate to their references.

Keywords: Quine; Naturalized Epistemology; Truth.

1. INTRODUÇÃO

Conhecimento e verdade são dois termos consagrados na reflexão filosófica. No transcorrer da história da filosofia ocidental a noção de conhecimento foi associada à noção de verdade. Desse modo se constituiu uma tradição que debateu amplamente essa relação e estabeleceu um campo teórico fértil e ao mesmo tempo problemático. Assim, qualquer conhecimento que postule ser colocado no escopo da verdade deve enfrentar temas espinhosos envolvendo a relação entre *linguagem, significado, pensamento e realidade*, e mais uma dezena de conceitos a eles relacionados. Além do mais, cada um desses termos, mesmo se tomados isoladamente, comporta uma infinidade de temas correlatos e problemas tão espinhosos quanto os da própria relação entre eles.

A natureza do conhecimento envolve uma problemática que pode ser traduzida em uma pergunta: O que queremos dizer quando usamos o termo “conhecimento”? A tradição do pensamento ocidental apresentou o modelo padrão ou canônico como sendo o caminho mais eficaz para se elucidar essa problemática. Tal maneira de aproximar-se do tema já delimita um caminho, sugere uma opção de como o tema deve ser abordado e indica que caminho seguir para possíveis elucidações dos problemas envolvidos. Porém, essa não é uma maneira obrigatória de abordar a temática, a epistemologia naturalizada que Quine desenvolveu explora outro percurso teórico, como veremos. No entanto, o alcance das suas postulações é melhor compreendido quando se faz a contraposição ao modelo padrão.

A definição padrão de conhecimento como *crença verdadeira justificada* é desenvolvida em um espaço teórico delimitado pela metafísica e pela lógica e mantém-se fiel a ideia de que podemos construir uma representação que funcione como um reflexo da realidade. As consagradas teorias da verdade elaboram suas respostas e travam seus debates no escopo dessa noção de conhecimento, elaborando especulações teóricas com o propósito de elucidar uma das perguntas que acompanha a história da filosofia: o que é a verdade? Uma das muitas respostas construídas assume preliminarmente que a verdade é uma propriedade. Assim, a atenção é voltada para se estabelecer de modo adequado quais são os portadores de verdade. Diferentes posições são assumidas a esse respeito: *enunciados, sentenças, proposições, frases, crenças, teorias*. Além do mais, tanto a noção de *verdade* quanto a noção de *conhecimento* ficam na dependência do esclarecimento das duas outras noções: *crença* e *justificação*. O modelo de conhecimento como *crença verdadeira justificada*, como qualquer outro

modelo, delimita o campo da tematização e limita o alcance das respostas apresentadas para os problemas enfrentados. (Conf. GRECO & SOSA, 2008). Acompanharemos nesse trabalho o modo como o pensador norte-americano, Willard Quine abordou a questão da verdade. Assim, é de fundamental importância apresentar alguns aspectos gerais do seu pensamento.

A obra de Quine é desenvolvida no espaço teórico iniciado com a virada linguística, mas especificamente dialogando com o empirismo carnapiano construído no Círculo de Viena, cujas preocupações centrais dizem respeito à lógica e a ciência, assim a discussão do conhecimento e da verdade, objeto das preocupações deste trabalho, são focados no plano de uma compreensão muito particular do aprendizado linguístico e do conhecimento científico. No âmbito das teses que desenvolve o significado das palavras e os objetos que elas referenciam são pensados como realidades inseparáveis, assim as teorias com suas conseqüentes ontologias são auto avaliadoras, isto é, não se postulam critérios externos para verificar sua adequação ou não à realidade. Essa postura assumida pelo pensamento quineano permite analisar o problema do conhecimento e o conseqüente tema da verdade fora do modelo consagrado do conhecimento como crença verdadeira justificada (Conf. QUINE, 1975c, 165ss).

Seu conhecido livro *Palavra e objeto* será tomado como um texto fundamental para a nossa pesquisa sobre o conhecimento e a verdade, pois os temas do significado e da referência, ali já firmemente estabelecidos, encontrarão tratamento sistemático em outras obras mais recentes. Todos os temas que dizem respeito ao tema clássico da verdade – *lógica, linguagem/tradução, referência/ontologia* – são abordados em uma perspectiva filosófica bastante original, firmando duas grandes teses que caracterizam seu pensamento e são fundamentais para a nossa problemática: *indeterminação da tradução e inescrutabilidade da referência*.

Se tomarmos *Palavra e objeto* como sua obra fundamental, como muito dos seus intérpretes estão concordes, então poderemos afirmar que suas obras posteriores apresentarão um desdobramento das muitas teses ali presentes, um refinamento das perspectivas e conceitos utilizados na sua argumentação central.

O que se pode inferir de suas principais teses é que ele não assume a tarefa de procurar elucidar as noções de *conhecimento, crença, justificação e verdade*, isto é, de uma investigação conceitual. Procura descrever os processos que conduzem indivíduos à determinadas crenças. Considera que a psicologia cognitiva empírica apresenta importantes contribuições na construção dessa elucidação e permite contornar o

problema da teoria clássica dos significados que os associa com entidades mentais. Assim, a resposta articulada por Quine será construída paralelamente ao desenvolvimento das pesquisas feitas na ciência. A epistemologia deve ser “um capítulo da psicologia e, portanto, da ciência natural” (QUINE, 1975c, p. 170). Dessa forma, ele propõe uma descrição da constituição do conhecimento científico, não uma clarificação do conceito de conhecimento.

Assumindo esses pressupostos, ele está se filiando a uma vertente de análise que busca antes descrever que definir, assumindo propósitos que convergem no esforço de descrever ou analisar o processo de constituição do que assumimos como conhecimento, procura ainda identificar a origem das nossas crenças racionais, por fim identificar as que produzem os conhecimentos mais confiáveis, de modo que se pode afirmar que “o objetivo de uma teoria naturalista do conhecimento, em meu ponto de vista, não é oferecer uma explicação sobre nosso conceito de conhecimento, mas antes oferecer uma explicação sobre certo fenômeno natural, a saber, o próprio conhecimento” (KORNBLITH In: GRECO/SOSA, 2008, p. 259). O projeto de pesquisa desenvolvido por Quine é bem descrito por meio desse modelo, pois sua postulação de uma naturalização da epistemologia será construída paralelamente ao desenvolvimento das pesquisas feitas na ciência.

Três livros publicados por Quine visam diretamente cada uma das condições exigidas pela análise padrão: *The web of belief* (Teia de crenças), *Pursuit of Truth* (Busca da verdade), *From stimulus to Science* (Do estímulo à ciência). Porém, nenhum dos três livros confirma uma adesão aos temas e soluções desenvolvidos no âmbito do modelo padrão. É muito mais uma problematização que utiliza os mesmos termos *crença, verdade, justificação*, mas associados a um projeto filosófico com fundamentos e pretensões bem diferentes. Na análise da posição quineana teremos oportunidade de acompanhar como estas condições são recepcionadas no seu pensamento e redimensionadas em função da naturalização da epistemologia.

2. A NATURALIZAÇÃO DA EPISTEMOLOGIA

O propósito relacionado a nossa pesquisa consiste em apresentar como na epistemologia naturalizada proposta por Quine encontramos uma alternativa viável ao modelo padrão de conhecimento. No escopo dessa teoria o conhecimento é definido como uma crença verdadeira justificada. A respeito da crença e da justificção temos um firme posicionamento de Quine, afastando-se da justificção e limitando a tarefa da epistemologia à descrição de uma crença racional, no caso a ciência. Importa agora apresentar uma dada compreensão da verdade, mesmo que esse não seja um propósito da sua epistemologia. Porém, a verdade é correntemente postulada como um ideal para o conhecimento seja qual for a compreensão que se tenha dela. Quine argumentou que uma das razões para optarmos pela ciência e não por outra modalidade de conhecimento é o acerto de suas previsões decorrentes das evidências empíricas. Essa postura empirista assumida por Quine no plano do conhecimento não é uma resposta suficiente para o problema da verdade, pois o empirismo pode ser uma consistente teoria da evidência, mas não uma suficiente teoria ou critério de verdade. A evidência empírica permite escolher crenças e a falta delas abandonar outras, porém não oferece uma base suficiente para se pronunciar a respeito da verdade das teorias, de visões de mundo concorrentes.

Como decorrência interna do modelo padrão a verdade é tomada como um propósito para o conhecimento e é o que se deseja atingir com a justificção, conforme atesta Williams:

A característica essencial da justificção epistêmica é o fato de ela ser *condutora de verdade*. Justificar uma crença é conectá-la com alguma característica que aumente sua probabilidade de ser verdadeira. Uma explicação sobre a justificção que não considere esse aspecto absolutamente fundamental, portanto ou não é de forma alguma uma explicação da justificção epistêmica ou é uma explicação que considera puramente dialética a justificção epistêmica (WILLIAMS In: GRECO/SOSA, 2008, p. 99).

Essa relação entre justificção e verdade decorre da associação entre conhecimento e representação, pois se espera que a representação estabeleça uma forte correspondência entre o representante e o representado.¹ Essa perspectiva precisa

¹ Da associação entre conhecimento e representação decorrem alguns problemas que envolvem o realismo, esse assumindo diferentes facetas, porém todos visando algum tipo de objetividade: “Ao buscar crenças representativas de ‘como as coisas realmente são’, persequimos um tipo de objetividade e, portanto, caminhamos num solo filosófico controverso. Particularmente, provocamos controvérsias sobre o realismo acerca do que nossas crenças representam. O realismo aparece de várias maneiras; pode ser

enfrentar uma primeira questão que é de natureza epistemológica: instrumentos mais precisos informam outros dados, captam mais detalhes, são mais precisos na percepção que possibilitam, isto é, permitem a construção de uma evidência que acaba sendo mais evidente que a anterior, exigindo uma correção contínua. Somos então instados a perguntar: como é possível que nossas representações, mesmos parciais, consigam ser informativas sobre os fenômenos? Há ainda uma segunda questão de ordem ontológica: Há sempre uma suspeita de que perdemos contato com a realidade fenomenal real quando a representamos. Tal suspeita precisa ser esclarecida. Quine não fará da verdade o propósito de sua epistemologia naturalizada, mas não se afastará do realismo em decorrência de suas teses sobre a linguagem e a ontologia. A verdade, como questão semântica, será tematizada por Quine quando refinar o modelo proposto por Tarski, com seu conceito de ascensão semântica, e com suas particulares teses sobre a linguagem e o mundo.

Dessa forma, mundo, ontologia, referência, são sempre tomados como parte, pois só são acessíveis para nós por meio das específicas estruturas lógico-linguísticas que manipulamos. Nessa acepção a verdade de um enunciado ou de uma teoria depende da significatividade decorrente dos próprios componentes linguísticos e do mundo que lhes é correspondente. Isso, porém, não é independente do modo como essas duas realidades, linguagem e mundo, são explicadas:

Para Quine, a compreensão de uma linguagem não se efetua por composição, porém globalmente, graças às estimulações sensoriais, que permitem determinar as condições de verdade das sentenças. A decisão acerca do valor de verdade é, para Quine, uma condição de compreensão das sentenças que não é um processo intensional e composicional. É um processo extensional e causal: é o próprio meio que diz ao locutor se sua sentença é verdadeira ou falsa (JACOB, 1980, p. 127).

Na teoria de Quine a dupla investigação que recobre essas duas áreas de interesse – ontologia e lógica – não poderão ser conduzidas uma independente da outra. Não podemos separar uma compreensão do mundo de um particular aprendizado da linguagem e vice-versa.

útil, então, fazermos algumas distinções. O realismo *mínimo* afirma que algo existe objetivamente, ou seja, independentemente de ser concebido. O realismo *comum* propõe que as ocorrências da maioria dos tipos psicológicos e físicos (especificado pelo uso comum da linguagem) existem objetivamente. O realismo *científico* sustenta que as ocorrências da maioria dos tipos científicos existem objetivamente” (MOSER, In: GRECO/SOSA, 2008, p. 118).

Por outro lado, ao se pronunciar sobre a verdade é preciso estar atento ao problema do fundacionalismo e do normativismo, pois uma vez que se assume uma crença como verdadeira ela pode ser tomada como fundamento para se inferir outras crenças verdadeiras, ou normatizar os procedimentos para se chegar à verdade. Visando contornar esses problemas que se insinuam devemos atentar para as teses da inescrutabilidade da referência e da indeterminação da tradução. Elas darão suporte teórico à possibilidade de se construir visões de mundo concorrentes e verdadeiras, isto é, referidas ao mesmo suporte evidencial. Essa postura teórica implica que se estabeleça uma distinção entre verdade e evidência, pois parte considerável dos problemas decorre da confusão entre verdade e suporte evidencial. Cada teoria assume uma dada referência e uma conseqüente verdade, de modo que referência e verdades são realidades imanentes aos quadros linguísticos e conceituais que utilizamos para identificar e descrever o mundo, mas a ontologia é sempre externa aos quadros teóricos. (Conf. QUINE, 1999, p. 20-23).

A distinção entre evidência e verdade ou na formulação mais precisa de Quine entre suporte evidenciais externos e verdades internas é problematizada a partir de outra distinção, aquela entre condicionamentos físicos, que diz respeito a ontologia, e critérios evidenciais, relacionados a referência. Esse acento posto na dimensão de correspondência resulta do diálogo com a teoria da verdade de Tarski. Refazer esse aspecto correspondencial da teoria proposta por Tarski como *concepção semântica da verdade* permite uma melhor compreensão da posição de Quine a esse respeito, pois ele opera um refinamento dessa teoria, contestando a noção de verdade como *propriedade de sentenças* e uma asserção sobre objetos.

2.1 - Tarski e a concepção semântica de verdade

A concepção quineana de verdade é construída na confluência de três teses apresentadas na sua obra, as duas primeiras mais epistemológicas, as teses do realismo e do naturalismo, e a terceira mais linguística e lógica, a tese da descitação. Essas teses serão utilizadas no âmbito de uma concepção de verdade já amplamente desenvolvida por Tarski – a concepção semântica de verdade. O argumento a respeito do uso do predicado verdade por meio da estratégia da ascensão semântica é desenvolvido no âmbito do realismo, pois Quine argumentará que o predicado verdade será útil quando estivermos voltados para a descrição da realidade. Dessa forma, ele argumenta a favor do uso dessa estratégia:

Contudo, reconhecemos uma mudança do discurso sobre objetos para o discurso sobre palavras à medida que o debate muda da existência de marsupiais e unicórnios para a existência de pontos, milhas, classes, e todo o resto. Como podemos explicar isto? Explica-mo-lo amplamente, penso, oferecendo um tratamento adequado de uma manobra útil e muito usada a que chamarei *ascensão semântica* (QUINE, 2010, p. 338).

Como procedimento introdutório acompanhemos as razões pelas quais Tarski também nomeou a sua concepção de verdade de *concepção semântica*, pois essa justificação permitirá compreender as modificações propostas por Quine:

A semântica é uma disciplina que, de modo geral, trata de certas relações entre expressões de uma linguagem e os objetos (ou ‘estados de coisas’) ‘a que se referem’ tais expressões. Como exemplos típicos de conceitos semânticos, podemos mencionar os conceitos de designação, satisfação, e definição, tal como eles ocorrem nos seguintes exemplos: a expressão ‘o pai do seu país’ designa (denota) George Washington; a neve satisfaz a função sentencial (a condição) ‘x é branca’; a equação ‘ $2 \cdot x = 1$ ’ define (determina unicamente) o número $\frac{1}{2}$. Enquanto as palavras ‘designa’, ‘satisfaz’ e ‘define’ expressam relações (entre certas expressões e os objetos ‘referidos’ por essas expressões), a palavra ‘verdadeiro’ é de uma natureza lógica diferente: ela expressa uma propriedade (ou denota uma classe) de certas expressões, a saber, de sentenças (TARSKI, 2007, p. 164).

Ao enfatizar que o modelo semântico é por definição relacional, Tarski constrói o seu modelo numa perspectiva aristotélica, “gostaríamos que nossa definição fizesse justiça às intuições que seguem a *concepção clássica aristotélica da verdade* – intuições que encontram sua expressão nas palavras bem conhecidas da *Metafísica* de Aristóteles (TARSKI, 2007, p. 160). A conhecida fórmula apresentada por Aristóteles afirma que *dizer do que é que é, e dizer do que não é que não é, eis a verdade; dizer do que é que não é, e do que não é que é, eis a falsidade.*² Devemos atentar para o conceito de verdade que emerge de tal compreensão da relação entre a estrutura do mundo e o que é dito na linguagem. A tradição reconhecerá como uma *adequação ou correspondência*, não um simples dizer que o verbo liga a uma dada realidade tomada como sujeito, mas

² Segundo Kneale, Aristóteles utiliza nos seus trabalhos sobre lógica o termo verdade sem apresentar qualquer definição dele, porém o modelo apresentado na *Metafísica* assumirá papel importante no pensamento ocidental, de modo particular, como veremos, nos escritos de Tarski: “Embora as noções de verdade e falsidade sejam essenciais para sua explicação de *apophantikós logos*, Aristóteles não se compromete com nenhuma definição nos seus escritos lógicos. Na *Metafísica*, contudo encontramos o seguinte: ‘Porque é falso dizer daquilo que é que não é ou daquilo que não é que é e é verdadeiro dizer daquilo que é que é ou daquilo que não é que não é’. Aristóteles segue aqui de novo a doutrina platônica do *Sofista*” (KNEALE & KNEALE, 1962, p. 47).

uma fusão de atributos e substâncias que não comportam nem suportam um outro tipo de relação que não a de fusão, de necessidade ontológica e não lógica. Assim, tomada em bases ontológicas, a verdade será uma, adequação necessária, não dependerá de qualquer convenção, não será relativa a qualquer regra de base, mas uma expressão do mundo tal como ele é.

Tarski aponta a necessidade de se adaptar a fórmula clássica a uma terminologia moderna, podendo ser apresentada como “a verdade de uma sentença consiste em sua concordância (ou correspondência) com a realidade” ou ainda “uma sentença é verdadeira se ela designa um estado de coisas existente” (TARSKI, 2007, p. 160- 161). Nenhuma dessas variações é considerada satisfatória, daí ser preciso desenvolver um modelo mais adequado, mas que preserve o aspecto semântico e relacional da formulação clássica. A formulação aristotélica exige que se estabeleçam dois polos distintos, envolvendo uma noção semântica – *dizer* – e uma noção ontológica – *ser*. Dessa forma é estabelecida a delimitação teórica na qual o problema da verdade será analisado: o predicado verdade é relacional e semântico, porém sempre tensionado pelo viés ontológico. Dessa forma, devemos limitar o uso do predicado verdadeiro à sentenças, essa será a extensão mais adequada para os propósitos em questão e “consequentemente, devemos sempre associar a noção de verdade, assim como a de sentença, a uma linguagem específica, pois é óbvio que a mesma expressão que é uma sentença verdadeira em uma linguagem pode ser falsa ou sem significado em outra” (TARSKI, 2007, p. 160- 161). Tendo apresentado uma definição que explora o modelo aristotélico, limitado o uso do predicado verdade às sentenças declarativas, Tarski estabelece um critério para adequação de sua definição, isto é, como utilizar a definição para verificar a verdade de sentenças.

Tarski afirma que “se quisermos dizer algo de uma sentença, por exemplo, que ela é verdadeira, devemos utilizar o nome dessa sentença, e não a própria sentença” (TARSKI, 2007, p.162). A razão disso é que “em qualquer proferimento que façamos a respeito de um objeto, é o nome de um objeto que deve ser empregado, e não o próprio objeto” (TARSKI, 2007, p.162). No conhecido exemplo apresentado por Tarski a sentença ‘*a neve é branca*’ é verdadeira se, e somente se, *a neve é branca*. Do lado esquerdo, com aspas, temos o nome da sentença; do lado direito, sem aspas, a própria sentença. Tarski afirma que a relação lógica entre as duas sentenças, com aspas e sem aspas, é que elas são equivalentes. De modo que todas as equivalências dessa forma poder ser tomadas como uma definição parcial de verdade.

3. ASCENSÃO SEMÂNTICA E DESCITAÇÃO NA ABORDAGEM QUINEANA

Colocando o assento na perspectiva semântica a verdade é associada à significatividade, permitindo retirá-la do estrito domínio da ontologia e da epistemologia. O predicado *verdade* fundamentalmente remete para as relações que são estabelecidas entre sentenças e objetos, entre significatividade e referência. Como consequência, o modo como os objetos são, domínio da ontologia, e o modo como os objetos são conhecidos, domínio da epistemologia, não serão mais os fatores determinantes para operarmos com o predicado verdade, mas sim o modo como expressões linguísticas se relacionam com suas referências. Explorando o aspecto relacional enfatiza-se a conexão entre os componentes semântico e ontológico. Assim, é possível afirmar que há um componente ontológico, base para a referência, que pode ser acessado para além da semântica, posição assumida e defendida pelo realismo clássico, ou oferecer uma semântica que implique imediatamente uma referência, como faz Quine.

A estratégia de ascensão semântica é levar a discussão para um domínio no qual ambos os partidos concordam melhor quanto aos objetos (a saber, palavras) e quanto aos termos principais que lhes dizem respeito. As palavras, ou as suas inscrições, ao contrário de pontos, milhas, classes, e o resto, são objetos tangíveis da dimensão tão popular na vida pública, a qual homens com esquemas conceptuais distintos comunicam seu melhor. A estratégia é ascender a uma parte comum de dois esquemas fundamentalmente díspares, para melhor discutir as fundações díspares. Não admira que seja uma ajuda na filosofia. (QUINE, 2010, p. 338).

Na semântica quineana a sentença *P* é *verdadeira* (componente semântico) *se e somente se P* (componente referencial) não podem ser significativamente separadas. A predicação de verdade só faz sentido quando envolve em um só ato significatividade e referência, quando são mutuamente determinados. Afirmar que uma sentença é verdadeira não se diferencia de afirmar a mesma sentença sem o acréscimo do predicado *verdadeiro*. Assim, pode-se afirmar que a predicação de verdade não se realiza como a predicação de uma propriedade decorrente da relação entre as sentenças e os objetos. Não é uma propriedade, não é uma terceira entidade que brote dessa relação. Esse procedimento permite redimensionar a concepção semântica de Tarski e apor duas consequências deflacionistas: faz desaparecer a noção de verdade como propriedade das sentenças e de que seja uma asserção sobre os objetos. Para tornar

viável esse procedimento, Quine irá tomar o termo *verdade* a partir do *operador de descitação*. A função do operador de descitação consiste em substituir sentenças que fazem asserção sobre objetos, por sentenças que façam asserção sobre sentenças, mas que sejam logicamente equivalentes (QUINE, 2003, p.80).

Uma sentença “P” é afirmada como verdadeira se e somente se P., isto é, quando a sentença “P” tem as suas aspas abolidas e é simplesmente afirmada como P. Nessa interpretação o *predicado verdade* exerce a função intermediária entre as sentenças e os objetos. O operador descitacional faz com que se perceba que verdadeira é a sentença, mas essa verdade corresponde ao modo como a sentença afirma que o mundo está sendo.

Para completar a sua estratégia argumentativa Quine recorrerá ainda ao outro procedimento técnico que chamou de ascensão semântica. Um recurso auxiliar à sua noção de verdade. A ascensão semântica permite generalizar com segurança, isto é, permite um aperfeiçoamento do que sabemos com segurança sobre o mundo ou uma simplificação do modelo assumido para orientar a observação. Além do mais, possibilita que asserções ontológicas sejam convertidas em asserções linguísticas, pois, conforme já foi apresentado, assumir uma ontologia é, na verdade, assumir um esquema conceitual ou linguístico. Fazendo com que qualquer esclarecimento sobre ontologia se traduza num esclarecimento sobre os esquemas conceituais, as teorias utilizadas na descrição do mundo. O termo *verdade* permite que se realize uma ascensão semântica, pois sentenças sobre estado de coisas podem ser parafraseadas em sentenças sobre sentenças. As sentenças cujo conteúdo semântico não pode ser especificado ou asserido são alvos de concordância ou discordância. Afasta-se a noção de verdade como propriedade presente no modelo de Tarski e afirma ser mais adequado fazer uso do predicado verdade por meio do procedimento de descitação (QUINE, 2003, p. 80).

O operador de ascensão semântica segue o mesmo esquema tarskiano de operador de descitação, porém o problema agora não consiste mais em colocar aspas e retirá-las. Procura-se estabelecer uma equivalência lógica entre o uso das sentenças S e o uso do nome das sentenças P. Afirma-se, portanto: S é verdade se e somente se P. Firmando a seguinte convenção: S = nome de P e P = sentença. De maneira que possa se tomar S = uma asserção sobre uma sentença e P = uma asserção sobre o mundo. Partindo dessas convenções previamente estabelecidas, pode-se concluir que: Afirmar que S é verdadeiro é equivalente a afirmar que P.

Compreendido dessa forma, o operador de ascensão semântica possibilita que se possa abolir o uso do termo verdade sem qualquer prejuízo para qualquer descrição sobre o estado de coisas no mundo no qual ele seja utilizado. Desse modo, afirmar que S é equivalente a afirmar que S é verdadeiro. Essa interpretação permite abolir o uso do predicado verdadeiro como propriedade das sentenças e redefini-lo, apontando que “serve como sempre para indicar a realidade através da sentença” (QUINE, 2003, p. 82).

É necessário que se diga algo a respeito do ponto de partida aristotélico para esse modelo, tanto em Quine quanto em Tarski. Assumindo que o predicado verdadeiro é relacional, pode-se inferir que se está lidando com dois extremos: mundo e linguagem, e a verdade seria uma correspondência entre o que é afirmado do mundo nas sentenças e os objetos que dão suporte a essa afirmação. Cada um dos lados do operador de descitação ou de ascensão semântica é constituído por sentenças: sentenças que nomeiam sentenças e sentenças que fazem asserções sobre o mundo. O modelo para a verdade continua sendo relacional, porém a relação não se dá entre linguagem e mundo, dizer e ser, significados e objetos. A relação é operada no interior da própria linguagem, sentenças com sentenças, significado com significado. Assim, o termo *verdade* não nomeia uma propriedade das sentenças, mas é tão somente um resíduo sintático da metalinguagem das sentenças S, do nome das sentenças P. Quando se opera a substituição das sentenças nome S, pelas sentenças nomeadas P, o termo verdade é abolido sem qualquer prejuízo para a descrição do mundo.

3.1 - Teoria do mundo, verdade e ontologia

Quine conduziu sua reflexão sobre a verdade para o campo intralinguístico, de modo que o operador descitacional, como mecanismo lógico-linguístico, permite que se realize a ascensão semântica, isto é, que se possa generalizar com segurança, substituindo sentenças nomes S por sentenças sobre o mundo P. O termo verdade é destituído do seu caráter de propriedade das sentenças, é dessubstancializado e assumido inferencialmente como dizendo respeito às relações que se estabelecem entre as sentenças. Porém, Quine faz questão de explicitar sua postura empirista e realista, afirmando que a verdade de uma sentença depende da realidade, mas devemos recordar que essa afirmação é mitigada pelas suas teses sobre a inescrutabilidade da referência e da relatividade ontológica. Essas duas teses que remetem para uma terceira, a indeterminação da tradução, permitem sustentar que a verdade não depende da

significatividade das expressões e a significatividade das expressões não depende dos objetos significados. O predicado verdadeiro é uma realidade inferencial intralinguística, só faz sentido utilizá-lo no interior de uma linguagem, de uma teoria do mundo. A função referencial de uma sentença e a ontologia de uma teoria não são os fatores determinantes da verdade delas, não são assumidos como protagonistas para se utilizar o predicado verdadeiro, são meros figurantes.

Essa junção de sentenças de observação e sentenças teóricas será tomada como elementos fundamentais na construção da ciência, de tal forma que referência e ontologia exercerão a função de simples auxiliares na determinação da verdade das sentenças. Continuamos operando no campo do empirismo, pois se ideias e significados não são acessíveis nelas mesmas, as sentenças são empiricamente acessadas. Esse procedimento que Quine identifica com o primeiro marco do empirismo, faz com que a busca da verdade deve principiar pelas sentenças de observação, pois este é um terreno firme para se construir a ciência referendada pela evidência empírica, longe do terreno movediço da semântica mentalista.

Postula-se que existem duas realidades disponíveis para nós; a realidade como ela é e a realidade como nós a acessamos pela linguagem. O mundo é captado de diferentes maneiras, a realidade está sempre em excesso em relação ao modo como a captamos, sempre extrapola o que é informado pelos nossos receptores sensoriais de modo inescrutável. Desse modo, se estabelece um paralelo entre a subdeterminação empírica e a indeterminação da tradução. Portanto, há diferentes modos de se acessar e conceber a realidade. Se perguntar qual desses modos de acesso é verdadeiro implica em responder o que faz a ligação entre essas duas realidades: aquela que estimula os nossos sentidos e aquela que é receptora dessa estimulação. A conexão é realizada pela linguagem, e as sentenças de observação fazem a ligação entre a realidade que estimula e a realidade estimulada. Se tudo deve começar pelas sentenças de observação, então somos sempre dependentes do comportamento manifesto em situações observacionais, tanto para o aprendizado de uma língua quanto para a constituição de uma teoria científica. Tanto um linguista quanto um cientista devem ser antes um behaviorista, pois tanto num caso como no outro um manual de tradução resulta de uma psicologia prática, com base no comportamento observado. Enquanto identificação e interpretação do mundo, uma teoria científica tem a mesma função de um manual de tradução e, portanto, submetido às mesmas limitações: diferentes teorias podem ser incompatíveis, mas consistentes e relevantes, isto é, empiricamente equivalentes.

É quando nós nos voltamos para o meio de uma teoria realmente presente, pelo menos hipoteticamente aceita, que nós podemos, e de fato falamos, ponderadamente, desta e daquela frase como verdadeira. Faz sentido aplicar “verdadeiro” a uma frase expressa em termos de uma teoria dada e vista desde o interior da teoria, acrescida de sua realidade postulada. Aqui não há ocasião de invocar nem mesmo a codificação imaginária do método científico. Afirmar que o enunciado “Brutus matou César” é verdadeiro, ou que “O peso atômico do Sódio é 23” é verdadeiro, é, com efeito, simplesmente afirmar que Brutus matou César, ou que o peso atômico do Sódio é 23. (QUINE, 2010, p. 49).

Quine não apresente uma resposta abstrata para essa problemática, pois faz com que ela se constitua em responder como a ciência funciona, já que a empresa científica se constitui em articular sentenças de observações com sentenças teóricas.

Recepcionando a fórmula *S sabe que P* no âmbito de um programa falibilista, que enfatiza a possibilidade de se revisar e aprimorar o conhecimento, de modo que sentenças acolhidas inicialmente como verdadeiras possam sempre ser revisadas, contorna-se o caráter problemático da condição verdade. Recorrendo ainda à tese da imanência da ontologia, decorrente da inescrutabilidade da referência, o espinhoso tema da verdade é abordado fora do ideal de representação, portanto não se exigindo mais uma correspondência entre duas realidades autônomas, uma externa a outra.

Pois não temos razão para supor que as irritações de superfície humana, mesmo até a eternidade, admitam qualquer sistematização que seja cientificamente melhor ou mais simples do que todas as outras possíveis. Parece mais provável que, mesmo que somente que devido a simetrias e dualidades, inúmeras teorias alternativas estariam empatadas no primeiro lugar. O método científico é o caminho para a verdade, porém ele não proporciona, mesmo em princípio, nenhuma definição única de verdade. Qualquer assim chamada definição pragmática de verdade está condenada também a falhar (QUINE, 2010, p. 48)

A ontologia é pensada de modo imanente, pois como já vimos, ela depende da assunção de esquemas linguísticos e teóricos. Não se postula qualquer referência ou ontologia absolutas, elas são sempre relativas à determinadas teorias e reinterpretáveis em outras, de tal modo que “o que faz sentido é dizer, não o que são os objetos de uma teoria, falando de um modo absoluto, mas como uma teoria de objetos é interpretável ou reinterpretável numa outra” (QUINE, 1975b, p. 152). Não há qualquer realidade tomada em termos absolutos, mas tão somente aquela que é referenciada pelos esquemas linguísticos, conceituais ou pela própria ciência.

Ou seja, se nós podemos falar de diversas teorias (e suas respectivas ontologias) empiricamente equivalentes, não obstante, o predicado “verdadeiro” só pode ser (significativamente) concedido por e

vinculado à teoria do mundo atualmente aceita. Dizer de uma teoria que é verdadeira, de sua ontologia que é real, significa dizer então que elas fazem parte da teoria global do mundo que aceitamos, da visão de mundo que ora adotamos e defendemos (NASCIMENTO, 2008, p. 190).

O problema epistemológico que diz respeito às garantias que fornecemos para as crenças que sustentamos é aguçado pela tese da inescrutabilidade da referência, pois envolve diretamente o grau de evidência que dá sustentação a uma dada descrição da realidade, ao que uma teoria afirma que há. A combinação das teses apresentadas por Quine permite compreender que há uma subdeterminação da teoria pela evidência, isto é, a crença de que o que é tomado como suporte para uma teoria já e parcialmente ditada por ela. Se cada teoria condiciona as evidências observacionais registradas no seu interior, então as razões que ditam a escolha de uma teoria repousam fora desses suportes evidenciais, pois não há evidência que não seja maculada pela teoria.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O predicado verdade não é um conceito fundamental na epistemologia quineana. Porém, como tal predicado é correntemente utilizado quando se faz referência, à realidade por meio de sentenças, e como esse uso é problemático, Quine se pronunciou sobre o seu uso, mas o que verdadeiramente importa é a caracterização intralinguística da sua abordagem. Dessa forma, ele argumentará que o uso do predicado verdade poderá ser abolido por meio do procedimento de “tirar as aspas”, o que passa a ser conhecido como o procedimento de descitação que possibilitará resolver os impasses gerados pela a estratégia de ascensão semântica utilizada por Tarski. Seguindo essa dupla estratégia da ascensão semântica e da descitação poderemos afirmar de modo positivo uma sentença que se pronuncia sobre o mundo sem precisar recorrer ao uso das aspas e do predicado verdade; além do mais, quando se elege uma particular teoria do mundo e do interior dela se afirma que determinada sentença é verdadeira, desaparecem parte considerável dos impasses associados ao uso de verdadeiro.

Precisamos assinalar que Quine não prioriza a noção de proposição, haja visto a sua dependência da noção de significado e, por sua vez, os compromissos dessa noção com a semântica mentalista. Assim, ele se define pelo uso de sentença quanto ao que considera como portador de verdade. Estabelecida a definição pelas sentenças como a realidade linguística que funciona como portador de verdade, precisa-se assinalar em que consiste a verdade destes portadores. Sua estratégia demonstrativa consiste em se reportar à clássica definição de verdade como correspondência, isto é, a ideia comum que se tem de que a verdade das sentenças equivale à correspondência das mesmas com a realidade. Mas, é importante atentar que na abordagem quineana não se exige uma correspondência termo a termo. A teoria da verdade como correspondência é recepcionada no âmbito do seu projeto filosófico capitaneado pela indeterminação da tradução e a inescrutabilidade da referência. O adequado é postular fatos, cada um como contraparte correspondente de uma sentença verdadeira considerada como um todo, ou seja, a sentença deve ser considerada em sua inteireza, e não nos termos que a compõe, pois os fatos só fornecem apoio aparente para uma teoria da correspondência.

Desde o início da sua argumentação fica explícito a sua opção teórica pela teoria da correspondência, porém redimensionada pela especificidade de suas teses filosóficas. Há um esquema teórico válido na teoria da correspondência tal como ela é interpretada por Tarski. Na teoria da correspondência desenvolvida por Tarski, afirma Quine, a

expressão ‘é um fato que’, associada a outra sentença para que ela pudesse ser aferida como verdadeira poderia ser perfeitamente eliminada, pois nada acrescentaria à sentença que está sendo aferida e deve ser considerada vazia. Assim, a sentença ‘A neve é branca’ é verdadeira se e somente se é um fato que a neve é branca, poderá ser perfeitamente substituída por: ‘a neve é branca’ se e somente se a neve é branca. Neste caso, a predicação da verdade na formulação clássica corresponde a retirada das aspas, ou seja, a atribuição do predicado verdade ao simplesmente eliminar as aspas elimina também os próprios fatos. Dessa forma, pode-se concluir que o uso do predicado verdade é desnecessário e pode ser abolido quando o afirmamos ou predicamos de uma sentença dada, pois é suficiente que reafirmemos a sentença mesmo como acima exemplificado. No entanto, argumentará Quine, que o seu uso se fará necessário quando a sentença é proferida no âmbito de uma específica teoria do mundo. Não faz qualquer sentido usar o predicado verdade em termos substantivos, isto é, sem o compromisso com uma dada teoria.

Quine amplia a teoria da correspondência tarskiana, como apresentamos anteriormente, porém essa teoria, redimensionada pelas teses centrais do seu pensamento, implica uma versão do descitacionismo, que em última análise sempre mitiga a importância da noção de verdade com claras consequências deflacionistas. Alguns intérpretes do seu pensamento afirmam que por assumir uma versão mitigada do descitacionismo, ele deverá ser tomado consequente como um deflacionista. Porém, há um elemento que dificulta essa interpretação, pois quando ele afirma que se pode aplicar o predicado verdade a uma frase proferida no âmbito de uma teoria, e o seu uso se fará necessário quando esta teoria se pronuncia sobre aspectos do mundo. Nesse aspecto não se pode afirmar de modo não problemático sua filiação ao deflacionismo.

Dessa forma, estamos problematizando a rotulação de Quine como um pensador que cerra fileiras ao lado dos deflacionistas porque defende uma versão do descitacionismo. Davidson é um dos autores que contesta essa associação de Quine com o deflacionismo por fazer uso da estratégia do descitacionismo, enquanto que outros simplesmente afirmam que ele é deflacionista, mas sem considerar a especificidade de suas teses. Para avançarmos na nossa argumentação precisamos recorrer a uma definição de deflacionismo e na sequência analisar a relação de Quine com esta teoria. O deflacionismo pode ser definido como a posição que afirma que nada há além do conceito de verdade que já não saibamos quando entendemos que todos os casos de um dado esquema (T) são verdadeiros.

Com base nessa definição pode-se inferir que o conceito de verdade funciona de modo independente e é completamente desnecessário para que se estabeleça tanto a compreensão quanto o uso de outros conceitos relacionados importantes tais como os de ‘significado’ e ‘crença’, e que também não precisamos destes para entender aquele. Ao se tomar o conceito de verdade assim de modo independente gera-se mais uma dificuldade para a associação de Quine com o deflacionismo. Como vimos acima, ao seguir o modelo tarskiano de verdade Quine assume que não há uma relação do conceito ‘verdade’ com o conceito ‘significado’. Para se aplicar o predicado verdade não é necessário recorrer ao conceito de significado; por outro lado não é preciso recorrer ao predicado ‘verdade’ para se entender o significado. Esta mútua independência do predicado verdade e da noção de significado se constitui em mais uma dificuldade para se estabelecer a associação de Quine com o deflacionismo.

Portanto, apresentar Quine como um deflacionista porque assume uma solução descitacional para se elucidar o uso do predicado verdade, agora encontra um sério obstáculo, pois conforme a argumentação apresentada o descitacionismo articulado por Quine não implica a assunção substancial do deflacionismo. Muitos dos que apresentam Quine como um deflacionista o fazem em razão de que o descitacionismo é uma das estratégias utilizadas para se mitigar o conceito de verdade, assim se Quine recorre a essa estratégia ele em linha reta também assumiria o deflacionismo. Achamos mais prudente afirmar que em razão das estratégias utilizadas na sua argumentação em favor do uso do predicado verdade, pode-se apontar que o pensamento de Quine gera consequências deflacionistas, mas não que milita nas hostes do deflacionismo puro e simples.

Desde *Palavra e objeto* Quine assumiu um compromisso com o uso do predicado verdadeiro tal como apresentamos no nosso trabalho, pois nessa obra retoricamente se perguntou se o modo como recepcionou o predicado verdadeiro no interior de uma teoria do mundo não o colocava em compromisso com uma certa doutrina relativista, mas sua resposta foi taxativa: Não. E o argumento apresentado para justificar sua resposta apontava a necessidade de se levar a sério a teoria do mundo assumida para se pronunciar sobre aspectos da realidade. Assumindo uma posição anticartesiana, utilizasse das teorias do mundo que se tem à disposição, mesmo sabendo que elas estão em evolução, mas isso não impede de se fazer uma crítica mais elevada da verdade até onde ela for possível. Assim, podemos concluir que Quine sempre atentou para a importância do uso do predicado verdade quando as nossas teorias

pretendem afirmar algo sobre o mundo, mas devemos atentar que sempre colocou essa importância a reboque de suas teses sobre o aprendizado da linguagem, o mundo e o conhecimento.

5. REFERÊNCIAS

- AUDI, Robert (org.). **Dicionário Cambridge**. Trad. João Paixão Neto. et al. São Paulo, Paulus, 2006.
- BRANQUINHO, João. **Enciclopédia de termos lógico-filosóficos**. São Paulo: Martins Fonte, 2006.
- GREENE, Judith. **Pensamento e linguagem**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- GRECO, JOHN. & SOSA ERNEST. **Compêndio de epistemologia**. Trad. Alessandra Siedschlag fernandes e Rogério Berttoni. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- HACKING, Ian. **Por que a linguagem interessa à filosofia?** Trad. Maria Elisa M. Sayeg. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- KIRKHAM, L. Richard. **Teorias da verdade: uma introdução crítica**. Tradução Alessandro Zir. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2003.
- NASCIMENTO, Marcos Bulcão. **O realismo naturalista de Quine: crença e conhecimento sem dogmas**. Campinas: UNICAMP, 2008.
- NORRIS, Christopher. **Epistemologia: conceitos-chave em filosofia**. Trad. Felipe Rangel Elizalde. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- QUINE, W. V. O. **Palavra e objeto**. Tradução Sofia Inês A. Stein e Desidério Murcho. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.
- _____. **Falando de objetos**. Tradução de Oswaldo Porchat de Assis P. Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1975a. (Coleção os Pensadores).
- _____. **Relatividade ontológica**. Tradução de Oswaldo Porchat de Assis P. Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1975b. (Coleção os Pensadores).
- _____. **Epistemologia naturalizada**. Tradução de Andréa Maria Altino de C. Loparié. São Paulo: Abril Cultural, 1975c. (Coleção os Pensadores).
- _____. **Existência e quantificação**. Tradução de Andréa Maria Altino de C. Loparié. São Paulo: Abril Cultural, 1975d. (Coleção os Pensadores).
- _____. **Pursuit of truth**. Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts/London, England, 2003.

TARSKI, Alfred. **A concepção semântica de verdade.** Trad. Celso Braidão. et al. São Paulo: Editora UNESP, 200